

Economia. GUERRA PELA ÁGUA

AMEAÇA E MORTE

NA DISPUTA POR RIOS E NASCENTES

Má gestão de recursos provoca brigas no Estado

REPORTAGEM

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redegazeta.com.br

FOTOGRAFIA

▄ MARCELO PREST
mprest@redegazeta.com.br

Um terço do território do Espírito Santo virou campo de batalha por água. Numa área equivalente a 150 vezes a cidade de Vitória, a má gestão dos recursos hídricos leva as pessoas ao extremo de matar ou morrer na tentativa de sugar o maior volume possível dos mananciais. Cinco mortes em disputas por água foram registradas nos últimos cinco anos, apenas nos municípios onde a reportagem esteve. Pelo mesmo motivo, uma sexta vítima foi baleada, mas sobreviveu, e outra foi esfaqueada.

Como a irrigação agrícola já consome 85% da água disponível para uso, os conflitos se alastram com maior intensidade no interior. Somente em 2014 e 2015, 768 situações de disputa precisaram ser resolvidas com a intervenção da polícia e da Justiça. Em Nova Venécia, no Noroeste, 31 casos de privatização ilegal da água foram judicializados no ano passado. No mês de outubro, o assassinato de um produtor rural ajudou a aumentar o clima de tensão na cidade.

“O ambiente está pesado e hostil. As pessoas estão sempre perto de sair no tapa, com medo de não ter água para irrigar”, relata um produtor, que pediu para não ter o nome divulgado, já que também tem sofrido ameaças. “Meus vizinhos acham que estou dedurando eles por não terem autorização para usar o córrego. Por isso, já ameaçaram ‘passar fogo’ em mim em duas ocasiões. Na última vez, foram no meu trabalho avisar que iam me dar um tiro na cabeça”.

Segundo a Agência Nacional de Águas (ANA), pelo menos 30 municípios têm áreas de vulnerabilidade hídrica. As brigas acontecem

quando um produtor constrói poços, barragens e desvios de rio sem autorização, impedindo que a água chegue à propriedade seguinte. No último ano, delegacias de pelo menos 20 municípios registraram situações de ameaça entre produtores. “O vizinho diz: ‘libera a água ou você vai ver o que vai acontecer.’ Um quer pegar a água do outro”, conta o investigador de Mimoso do Sul, Luciano Amorim. Apesar de a maior parte das ocorrências envolver irrigação, a “guerra pela água” também

põe em confronto diferentes forças produtivas. As relações ficam acirradas quando a vazão dos rios e córregos deixa de ser suficiente para atender a todos os usuários das bacias, opondo agricultores, indústrias, agentes de abastecimento e outros usuários.

Documentos obtidos pela reportagem revelam que as disputas por água no Estado não são recentes. Desde os anos 2000, a ANA tem monitorado as áreas de Conflitos Presentes e Potenciais nas bacias hidrográficas capixabas. De lá para

cá, a expansão das áreas irrigadas e o aumento do consumo nos diferentes setores acirrou ainda mais as brigas. Muda o município, mas as histórias de ameaça, sabotagens e conflitos que dividem famílias são parecidas. Na região Serrana, até mesmo agentes do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) têm ajudado a apartar confusões. “As nascentes foram sugadas ou represadas. As famílias prejudicadas não se conformam, aí começam as ameaças. As pessoas ‘se pegam’ mesmo, nu-



“Lacraram nossa bomba dizendo que era para não faltar água na cidade. Mas como vamos viver sem poder irrigar? Morre tudo, até o gado”

MAGNO SOARES, 39
PRODUTOR DE VILA PAVÃO

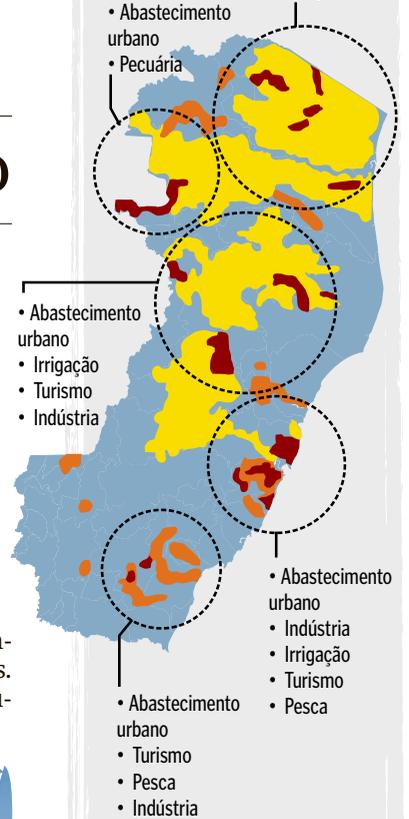
No rastro das disputas

Desde os anos 2000, a Agência Nacional de Águas (ANA) tem monitorado os conflitos ligados à água no Espírito Santo

- Tensão por qualidade
- Tensão por quantidade
- Tensão por qualidade e quantidade

Forças em confronto

- Mineração
- Agronegócio
- Abastecimento urbano
- Pecuária
- Cana
- Eucalipto
- Pecuária
- Agricultura



AS ÁREAS EM DISPUTA estão numa 'mancha' de

15 mil km²

(do tamanho de 150 cidades de Vitória) onde a vazão hídrica dos mananciais deixou de ser suficiente para atender à crescente demanda dos usuários

Nessas regiões definidas como de Conflitos Presentes e Potenciais pelo Uso da Água (CPPA), os órgãos ambientais lançam mão de acordos coletivos e rodízio de uso dos mananciais para amenizar os acirramentos



A última morte aumentou a tensão na região. É comum você ouvir: ‘Você não toca na minha água’. Já fui ameaçado três vezes, pois acharam eu que estava dedurando a captação irregular”

PRODUTOR RURAL AMEAÇADO DE NOVA VENÉCIA

ma visão antiga de que existe dono da água”, explica o agente federal, Guilherme Gomes de Souza.

Para traçar um panorama da situação hídrica do Estado, A GAZETA analisou por três meses documentos de órgãos ambientais, relatórios públicos e boletins policiais e buscou as histórias por trás desses números. Encontrou, em meio a córregos e rios represados, comunidades e famílias que ficam com a sobra da água de grandes indústrias e propriedades. Além de uma devastação sem limites dos recursos hídricos, que também é responsável por acelerar o crescimento do desemprego, o êxodo e a violência no campo. Com o agravamento

768 CASOS

de disputa por água foram parar na Justiça, somente nos últimos dois anos. A maior parte dos crimes envolve apropriação irregular do curso hídrico.

das estiagens nos últimos três anos, iniciativas para mediar conflitos têm surgido em todo o Espírito Santo. O instrumento mais conhecido é o acordo de uso coletivo da água. Quando o método não resolve, a polícia é chamada para tomar medidas mais radicais, como o fechamento de captações irregulares e lacração de bombas de irrigação. Embora encontrem respaldo na Constituição, que prevê que a prioridade da água é para consumo humano, essas ações geram outro problema: sem irrigar, agricultores não têm como produzir. Plantações inteiras de café, pimenta e coco são perdidas sob a justificativa de que não pode faltar água na cidade. O

gado também morre no pasto seco e as famílias acumulam dívidas no banco. “Desde novembro, nossa irrigação foi lacrada. Perdemos praticamente tudo”, lamenta Francisco Soares, 52, em Vila Pavão.

Apesar de a Polícia Civil não ter um levantamento específico sobre mortes envolvendo disputa por água, em cinco municípios a reportagem apurou homicídios que tiveram como pano de fundo a briga por rios e nascentes. O último crime, registrado no vilarejo de Luzilândia, em Nova Venécia, foi motivado por disputa de terra e construção de uma barragem. A propriedade que pertencia à vítima ficava no ponto mais alto. Ele fez uma represa no córrego e teria começado a faltar água para o produtor de baixo, segundo a polícia.

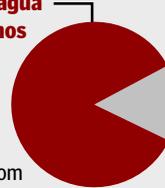
Era tarde de domingo, quando a vítima chegou em um bar para encontrar os amigos. O rival, que estava jogando sinuca no estabelecimento, buscou uma arma calibre 38, em casa, e efetuou disparos certeiros no vizinho. Enquanto ele agonizava no chão, à espera de socorro, o boato de briga por água já havia corrido a comunidade. “Deixou todo mundo assustado”, lembra um produtor de 28 anos que não quis ser identificado. A vítima morreu dois dias depois, aos 47 anos, e o acusado está preso. Em 2015, 150 pessoas foram autuadas pela Polícia Militar Ambiental por causa da construção de barragens como a de Luzilândia. Os represamentos ilegais terminam muitas vezes em ameaças, retaliações e atitudes nada convencionais, como a quebra de canos de irrigação. Essa forma de sabotagem fez, inclusive, outras duas vítimas, em 2013, no interior de Baixo Guandu. A briga envolveu duas famílias. O ânimo estava exaltado e chegou ao limite quando o membro de uma das famílias quebrou, como forma de retaliação, o cano de irrigação que abastecia a propriedade ao lado. “O produtor que se sentiu prejudicado deu um tiro no vizinho. Depois, virou e atirou no filho dele. O rapaz morreu no local”, lembra o delegado Adriano Scárdua.

Na região urbana, a última morte foi em Guarapari, em março de 2015. O presidente da Associação de Moradores Reta Grande foi executado com três tiros por tentar regularizar a distribuição de água nas casas do bairro. Em depoimento à polícia, testemunhas contaram que essa “moralização do consumo” passava pelo fechamento de captações clandestinas. “Por isso arrumou inimigos. Morreu lutando para entregar água limpa na casa das pessoas”, lembra um primo da vítima. Três pessoas estão presas pelo crime.

Uso da água

A irrigação já consome

85% da água disponível nos mananciais capixabas, colocando o agronegócio em batalha com outras forças como:



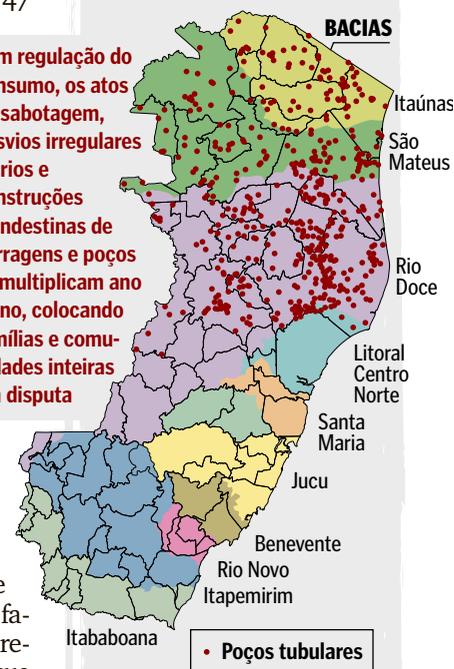
- Mineração**
- Pecuária**
- Produção de energia elétrica**
- Consumo agroindustrial e turismo litorâneo**

A corrida para armazenar água já ocasionou a construção de pelo menos

30 mil poços clandestinos no Estado, segundo estimativa do MP



Isso faz da agricultura o setor mais propenso ao aparecimento de conflitos individuais



620 disputas hídricas

viraram ocorrências policiais e foram parar na Justiça somente em 2015. São casos em que a Polícia Militar Ambiental foi chamada para mediar o conflito

Conflitos, que se arrastam há mais de uma década, terminam muitas vezes em discussões, agressões, ameaças e mortes

5 assassinatos, pelo menos, envolvendo disputa hídrica foram contabilizados pela Polícia Civil, somente no Norte do Estado, nos últimos cinco anos

ESTADO TEM 72 FOCOS DE TENSÃO

Há conflitos entre campo, indústria e cidade

« Numa trilha de terra aberta no meio do pasto, Joanico Sacht caminha devagar, às margens do Rio São José. Vai arrastando os chinelos no chão batido, enquanto observa cada detalhe das curvas do manancial, que está praticamente seco. Faz uma pausa, ajeita os óculos para ver, na outra margem, o resto da carcaça de um animal sendo disputado pelos urubus. A catanga da carne se mistura ao mau cheiro de esgoto e sabão químico despejados no local, dando ao rio “aparência de morto”, reclama o ribeirinho.

Estamos em São Gabriel da Palha, Noroeste do Estado, um dos 72 focos de tensão hídrica oficialmente delimitados no Espírito Santo. São regiões monitoradas pelo Ministério Público e pela Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh), onde, além dos prejuízos materiais e econômicos, a escassez provoca situações de intensa disputa.

No caso do São José, a batalha envolve forças como indústria, agricultura, abastecimento nas cidades e a geração de energia. As barragens, poços e desvios irregulares agravam ainda mais a situação do rio, que já foi imponente.

“É uma briga injusta. A irrigação e os poços artesanais deixam o rio sem água mesmo em dias de chuva”, afirma Joanico, que mora há 57 anos à beira do São José.

AGAZETA chegou à bacia do rio no dia 19 de janeiro deste ano. Mesmo chovendo há uma semana, o leito estava seco. Uma barragem de concreto, usada para gerar energia e abastecer a cidade, segurava a pouca água que chegava.

“Venho aqui todos os dias e fico lembrando do tempo em que era possível tomar banho e pescar nessas águas. Nos últimos anos, o rio tem passado parte dos meses sem correr. Se resumiu a um filete com água poluída e esgoto”, desabafa engasgado e choroso, o aposentado de 75 anos.

A promotora de Justiça Isabela de Deus Cordeiro, do Ministério Público do Espírito Santo, aponta que faltam regras sobre a utilização da água e é essa má gestão dos recursos que provoca conflitos.

Ao mesmo tempo em que expandiram as áreas irrigadas, as populações urbanas

também cresceram.

Das áreas monitoradas, pelo menos 40 focos expõem ao confronto agricultores, empresas privadas e agentes de abastecimento. Outras 30 regiões envolvem disputa direta entre irrigantes, como na comunidade Santa Lúcia, em Boa Esperança, que fica a 70 quilômetros de São Gabriel.

Os equipamentos de irrigação de última geração comprados por meio de financiamento bancário passam boa parte do tempo desligados, já que o volume dos córregos deixou de ser suficiente para abastecer todas as propriedades. “A água vem acabando de cima para baixo. Na minha propriedade, quando tem, só chega um filete. O pouco que temos é para beber”, lamenta Nivaldo Meniguetti, de 58 anos.

No Espírito Santo, cerca de

50.000 FAMÍLIAS

de pequenos produtores vivem em zonas de conflitos no Espírito Santo. São regiões onde a demanda por água é muito maior que a oferta.

235 mil hectares de plantações dependem de irrigação mecânica, o que coloca o Estado entre os mais irrigados do país. Como faltam planos para regular o uso da água nas bacias e definir o volume que cada usuário pode reti-

rar dos mananciais, as disputas entre vizinhos de terra muitas vezes só são resolvidas por intermédio da Justiça. “É muita gente irrigando ao mesmo tempo. Isso acaba gerando desunião na comunidade”, reconhece Alexandre dos Santos Silva, 33 anos.

Em 2015, o agricultor de Boa Esperança pagou R\$ 28 mil por um sistema de irrigação por gotejamento, que prometia economizar água, mas pouco adiantou. Como o córrego secou, pelo menos 5 mil pés de café morreram. O mesmo aconteceu na propriedade da família de Nivaldo que, depois de perder pimenta, café, milho e feijão, resolveu plantar só o que dá para irrigar com pouca água. “A crise da água só piora a cada ano, porque as nascentes estão todas ‘cortadas’. Há cinco meses, não consigo molhar as plantas”.

São José
SÃO GABRIEL DA PALHA

Estão em conflito geração de energia, agricultura, abastecimento urbano, vilas, comunidades e pesqueiras. “As barragens tiram o potencial turístico do rio”, alega Joanico Sacht.



Aqui passava o Córrego e desapareceu há anos. Água puxando no burro ou cavalo

NATALINO BOA VENTURA, 70 ANOS
É VÍTIMA DOS REPRESAMENTOS NO SAPÊ DO

Em municípios como Nova Venécia e Vila Pavão, a tensão entre a agricultura e o abastecimento nas cidades é o que mais preocupa. Somente no segundo município, cerca de 1,8 mil estabelecimentos rurais disputam a água dos mananciais para molhar as plantações (90% desse total enquadrada como agricultura familiar). Nos últimos anos, a explosão de captações irregulares tem feito com que os cursos d'água fiquem secos diante de estiagens cada vez mais curtas.

Assim, basta alguns dias sem chuva para deixar os ânimos exaltados. “Estudei na infância que a próxima guerra mundial seria por água. Na nossa região, essa época chegou, e a guerra é um fato”, acentua o coordenador da Defesa Civil, Weverton Rodrigues.

Na tentativa de subir o nível dos rios, e não deixar faltar água nos centros urbanos, o MPES tem colocado limitações aos irrigantes. Quando as regras não são cumpridas à risca, a polícia é chamada para tomar medidas mais duras. “Em menos de um ano, tive que mandar lacrar mais de 80 bombas que não tinham outorga (autorização para uso) ou faziam captação irregular. Algumas retiravam 3 milhões de litros de água por dia dos rios”, afirma o promotor de Justiça Lélío Marcarini, que atua mediando conflitos na região.



 **angelim 3**
CONCEIÇÃO DA BARRA

Confronta interesses do agronegócio, da indústria e do abastecimento urbano. Pequenos produtores, pescadores e quilombolas são os mais afetados.

do Pinixo, que
ua, agora, só
vando buraco”

O NORTE

DE MEIA-LÉGUA A

GUERREIRO NATALINO

HISTÓRIAS DE LUTA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

◀ Zacimba Gaba, Negro Rugério, Viriato Cancão-de-Fogo, Constância d'Angola, Benedito Meia-Légua, Maria Clara do Rosário dos Pretos. É evocando esses líderes negros do passado que Elda Maria dos Santos, a Dona Miúda, de 56 anos, encontra forças para tratar dos desafios do presente. “A principal luta do meu povo é pela água”, afirma com contundência.

As mais de 20 comunidades quilombolas do Sapê do Norte, em São Mateus e Conceição da Barra, vivem em área de intensa poluição e represamento dos córregos, o que inviabiliza a captação de água para consumo. A região é um dos focos de tensão monitorados pelo Ministério Público e Pastoral da Terra. São mais de mil pessoas morando em meio a imensas áreas irrigadas de cana-de-açúcar e eucalipto, mas que, muitas vezes, não contam sequer com água para beber ou plantar. De tão poluídos e secos que estão os rios, as populações têm requerido na Justiça o direito de receber água potável. A entrega é feita por

meio de caminhões-pipa.

“Toda água que corria nos nossos riachos está poluída ou represada. O Rio São Domingos, que passava atrás da minha casa, secou há três anos”, relata Miúda.

Na comunidade vizinha, Natalino Boa Ventura, um “guerreiro” de 70 anos, aprendeu a conviver – “mas não aceitar” – com as consequências dos represamentos. “A luta nunca acabou, desde os nossos antepassados”, avisa ele, com o pé cravado na terra onde um dia correu o córrego do Pinixo, um dos afluentes da Bacia do Itauninhas. “O córrego não existe mais. Ficou só o nome. Precisei cavar 10 metros para achar água para beber e os bois não morrerem de sede”.

Miúda, Natalino e outras dezenas de lideranças camponesas e quilombolas têm se organizado para cobrar a despoluição dos rios do Sapê. “Meia-Légua foi um dos que morreram lutando. Não se entregou, por isso colocaram fogo nele dentro de um toco. Também não vamos nos entregar”, garante Miúda.

O QUE DIZEM OS INVESTIGADORES



As queixas de briga por água são constantes. O proprietário de cima pega muita água e não sobra nada para os seguintes”

BRUNO BILLI MARILÂNDIA



Fico impressionado porque muitas disputas envolvem famílias. Há casos resolvidos com diálogo e outros que param na delegacia. Há anos a coisa está feia”

MAURÍCIO EMÍLIO
ALTO RIO NOVO



Tem muita briga judicial por conta de nascente. Um acha que tem direito de pegar mais água que o outro porque a fonte está dentro da terra dele”

WALTER DE OLIVEIRA CASTELO

AMANHÃ

Explode número de crimes ambientais ligados à água no Espírito Santo

NA WEB

gazetaonline.com.br

Confira flagrantes de crimes ambientais feitos pela reportagem



 **santa lúcia**
BOA ESPERANÇA

Os conflitos expõem ao risco, principalmente, agricultores de base familiar, como Nivaldo.